

**O PAPEL DA EBAL
NA CONSOLIDAÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS
COMO FERRAMENTAS EDUCACIONAIS**

Cesar Augusto Lotufo (UNESA)

ca.lotufo@bol.com.br

André Luís Soares Smarra (UNESA)

andre@smarra.com.br

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

Luciano Filizola da Silva (UNESA)

lucianofilizola1976@gmail.com

RESUMO

Atualmente, educadores, de maneira geral, parecem concordar com o fato de que uma imagem associada a um texto direto, simples e explicativo favorece o processo ensino-aprendizagem. Também, aparentam assentir que a quadrinização de obras literárias nacionais e universais, além de capítulos da história (brasileira e geral), tornam mais prazerosos os momentos de estudo. Entretanto, houve uma época em que as histórias em quadrinhos eram consideradas vilãs da educação. Um dos fatores que iniciou a modificação desta imagem foi o lançamento, em 1948 pela EBAL, da revista *Edição Maravilhosa*, que trazia uma adaptação, para os quadrinhos, da obra literária *Os Três Mosqueteiros*, de Alexandre Dumas. Esta revista seguia o modelo de sua irmã norte-americana *Classics Illustrated*, já no mercado desde 1941. A EBAL, por meio do seu editor Adolfo Aizen, foi a primeira a valorizar a literatura nacional, com adaptações dos roteiristas e ilustradores da própria editora. Obras como *Mar Morto* (Jorge Amado), *A Moreninha* (Joaquim Manoel Macedo), dentre inúmeras outras, foram adaptadas e quadrinizadas. A partir da década de 1950 lançou quadrinizações memoráveis como *A Bíblia em Quadrinhos*, *História do Brasil* e *Os Lusíadas*. O legado da EBAL e de Adolfo Aizen é inegável diante da diversidade temática que tomou as livrarias e bancas de jornais a partir da década de 1980 e que vem aumentando, ainda mais, nos dias de hoje. Atualmente, a variedade de temas e histórias permite que qualquer professor possa identificar materiais apropriados para serem trabalhados em sala de aula, seja qual for a faixa etária, nível de ensino ou assunto a ser tratado.

Palavras-chave: História em quadrinhos. HQ. EBAL. Ferramentas educacionais.

1. Introdução

A famosa “excursão brasileira a Chicago” conforme registrado pelo jornal carioca *O Diário de Notícias*, de 18 de agosto de 1933, fez de Adolfo Aizen, jornalista, o pioneiro na linha editorial em quadrinhos na *Revolução Literária* infantojuvenil, pois seria o criador da famosa EBAL

(Editora Brasil-América Ltda.) em 1945.

De acordo com Gonçalves Jr. (2004), esse passeio entraria para a história, sobretudo pelo encanto das indústrias cinematográfica e editorial, que acabaram por seduzir os membros da famosa excursão, principalmente o jovem jornalista imigrante Adolfo Aizen, impressionado pelas ambições norte-americanas. Começava aí a construção de uma editora voltada para a inclusão dos jovens, antes só imaginada pela mente sonhadora do jovem jornalista.

2. Um pouco de Adolfo Aizen sob a lente de Gonçalves Jr (2004)

Adolfo Aizen se considerava um poeta, mas o sonho de ser jornalista ou exercer alguma profissão relacionada à área editorial virou prioridade em sua vida. Naquela época, como não havia faculdades de jornalismo, o caminho para se chegar a uma redação dependia principalmente das costumeiras indicações de amigos e políticos. Para quem não possuía padrinhos influentes, só era possível a chamada “ponta da cozinha”, isso é, a revisão de texto. Com esforço, o pretendente poderia chegar à reportagem nos editoriais de assuntos gerais ou de polícia. Mas, nem isso Adolfo Aizen conseguiu, depois de visitar várias redações.

Identifica-se como poeta e autodidata – uma petulância corriqueira entre os candidatos e jornalistas. Os poemas que levou para mostrar aos editores e sua extensiva timidez não estimularam muito seus interlocutores a lhe dar mais atenção, desconfiados de que aquele rapaz taciturno ainda estava verde para o ofício. Sem se dar por vencido, Adolfo Aizen continuou a fazer seus versinhos na solidão das noites.

3. O DNA do editor

O jovem editor havia desembarcado no Rio de Janeiro, com apenas três anos de idade e sempre teve uma vida difícil.

Gonçalves Jr. (2004) nos lembra da luta de Adolfo Aizen para ocupar seu espaço de jornalista em revistas, nos difíceis anos 20 e 30:

Sem emprego fixo, o jornalista sobreviveu por meses com poucas colaborações em alguns jornais. Mais uma vez a sorte lhe foi favorável. Conseguiu dois empregos de uma vez só: uma vaga de redator humorística “*O Malho*”, que passava por uma reformação radical naquele momento, para se tornar menos política e mais variedades; e como redator infantil de *O tico-tico*, que tanto le-

ra na infância em Salvador. Ambas funcionavam na mesma redação e pertenciam ao empresário e político Luís Bartolomeu de Souza e Silva.

Em 1931, quando já trabalhava nas duas publicações, Adolfo Aizen e o amigo Sebastião de Oliveira Hersen fundaram a pequena Adersen Editores – fusão do nome dos proprietários. Na prática, tratava-se apenas de uma revendedora de livros por reembolso postal. A ideia do negócio surgiu quando Adolfo Aizen assumiu a coluna “Caixa”, que era a sessão de cartas de *O Malho*. Muitos leitores distantes, de vários estados, escreviam para perguntar como comprar os livros que eram divulgados na revista. A distribuição de livros pelo país era precária e Adolfo Aizen considerou que vendê-los pelo correio seria um bom negócio.

No primeiro ano, a operação do reembolso postal prosperou tanto que a Editora Adersen decidiu até arriscar a edição de livros. Um dos poucos títulos editados foi o, então inédito, *Menino de Engenho*, a primeira obra de José Lins do Rego, lançado em 1932 e bancado por Augusto Frederico Schmidt, amigo do autor. Por isso José Lins se tornaria um dos principais amigos de Adolfo Aizen nas duas décadas seguintes. Sem recursos para tocar o empreendimento, os dois sócios encerraram as atividades da editoria ainda em 1932.

4. Uma jornada gloriosa

Quando retornou ao Brasil, da famosa excursão de Chicago, Adolfo Aizen tinha certeza que seu caminho era o da criação de uma editora para publicar em solo nacional a sensação da época nos Estados Unidos: as histórias em quadrinhos.

Cesar Augusto Lotufo e André Luís Soares Smarra (2014) dão conta desse começo, quanto da criação do *Suplemento Juvenil*:

Em 1933 Adolfo Aizen trabalhou na editora O Malho, responsável pela publicação da famosa revista O tico-tico. Começava, assim, a epopeia do presidente da Editora Consórcio de Suplementos Nacionais que levaria adiante o histórico Suplemento Juvenil, lançado por Aizen em 1934, após seu retorno dos EUA, onde fez contato com grandes empresários e empresas da indústria norte-americana dos quadrinhos, sobretudo com a King Features Syndicate (detentora dos direitos autorais de quadrinhos famosos como *Flash Gordon*, *Jim das Selvas*, *Mandrake*, *Fantasma*, dentre outros títulos)

5. O sonho tornou-se realidade: a Editora Brasil-América Ltda.

Em 18 de maio de 1945, convencido de que era possível ter sua própria editora para ingressar no mercado das revistas em quadrinhos, Adolfo Aizen funda a famosa EBAL.

O jornalista e editor russo Adolfo Aizen foi um dos maiores defensores das histórias em quadrinhos como ferramentas educativas. Da sua famosa fábrica de sonhos infantojuvenil, a Editora Brasil-América Ltda. (EBAL), localizada no bairro carioca de São Cristóvão, saíram gibis, revistas e álbuns que encantaram brasileiros e muitos estrangeiros, embora a luta desse pioneiro tenha começado bem antes da fundação da EBAL em 1945, conforme o exposto até aqui.

6. O pioneirismo da EBAL na utilização da linguagem dos quadrinhos em prol da educação

Em recente publicação, Cesar Augusto Lotufo e André Luís Soares Smarra (2014) contam um pouco desse empreendimento de Adolfo Aizen:

A sua luta pela educação de jovens, por meio dos quadrinhos, teve início com a publicação, em 1948, da revista *Edição Maravilhosa*, que em seu primeiro número estampava uma adaptação literária de *Os Três Mosqueteiros*, tal qual ocorrera com a primeira edição famosa *Classics Illustrated*, em outubro de 1941, nos Estados Unidos.

A *Edição Maravilhosa* seguia o modelo lançado pela sua irmã norte-americana, em relação ao contexto de quadrinizar grandes obras da literatura universal como *Moby Dick*, *O Morro dos Ventos Uivantes*, dentre muitas outras, além de ousar, face às demais revistas do gênero existentes em diversos países que também seguiam o padrão da citada *Classics Illustrated*. Foi a primeira a valorizar a literatura nacional e com adaptações dos roteiristas e ilustradores próprios da EBAL.

Dessa forma, obras como *Mar Morto* (Jorge Amado), *Menino de Engenho* (José Lins do Rêgo), *Cabloca* (Ribeiro Couto), *A Moreninha* (Joaquim Manoel Macedo), *O Guarani* (José de Alencar), *O Navio Negro* (Castro Alves), dentre muitas outras, também famosas, foram adaptadas e quadrinizadas por artistas como André Le Balnc (assistente do general Will Eisner), Nico Rosso, Eugênio Collonese, Pedro Anísio e Ivan W. Rodrigues.

Em 1940, antes da EBAL, Adolfo Aizen resistiu às críticas de figuras ilustres como o padre Arlindo Vieira e da famosa jornalista e escritora Dinah Silveira de Queiroz (autora de sucessos como *A Muralha* e *Floradas na Serra*) que apontavam os gibis como prejudiciais ao Brasil por promoverem uma “colonização” norte-americana dos nossos jovens leitores. Também sobreviveu a uma crise de importação de papel para publicações. E foi nesse ano que lançou o segundo livro em quadrinhos da série *Grandes Figuras do Brasil* (o primeiro fora publicado em 1939), de acordo com Gonçalves Jr. (2004, p.95).

Partiu para a briga contra os censores, os críticos arrogantes, os que desejavam destruir as revistas em quadrinhos no Brasil. Lutou contra os preconceitos e levou essa dedicação para ser o “cimento” que estruturaria a EBAL: mostrar que os quadrinhos são úteis como uma ferramenta educacional na formação de uma consciência cidadã.

Cesar Augusto Lotufo e André Luís Soares Smarra (2014) destacam o papel da famosa *Edição Maravilhosa* na construção de uma linha editorial voltada para a educação: “Para o estudioso de histórias em quadrinhos e artista Álvaro Moyá, essas adaptações dos clássicos da literatura brasileira demonstraram para os críticos e literatos que os quadrinhos eram uma ferramenta educativa muito eficiente”.

A EBAL lançara ainda, a partir da década de 1950, outras séries que atravessariam o tempo como álbum gigante, além de obras quadrinizadas memoráveis como *A Bíblia em Quadrinhos*, *História do Brasil e Os Lusíadas*, dentre outros.

O visionário Adolfo Aizen lançou ainda outras adaptações literárias brasileiras e universais ao longo dos anos de 1970, em preto e branco e em cores, mesmo após a decretação do fim do subsídio do papel, em 1961, pelo então presidente Jânio Quadros, “além do esgotamento temático e da migração de leitores para outros segmentos tais como humor, super-heróis, quadrinhos infantis, que se mostravam mais lucrativos para a indústria dos quadrinhos”.

7. A EBAL e a educação de crianças e adolescentes

Recorremos mais uma vez a Gonçalves Jr. (2004) para demonstrar o sucesso da EBAL junto ao público infantil e juvenil e seu papel junto a professores, estudantes e diretores para além da sala de aula:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Em 1959 a EBAL editava 41 títulos mensais, além de edições especiais, livros para recortar e montar e álbum de figurinhas. Adolfo Aizen começou a fazer, nas escolas públicas e particulares, convites para que caravanas de professores e estudantes visitassem a sede da editora. Muitos desses comboios vinham do interior do Rio e de estados vizinhos como Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo. Nesses passeios, as crianças conheciam as instalações da EBAL e o processo de produção das revistas. Também faziam lanches, ganhavam exemplares de cortesia, conheciam a biblioteca permanente de histórias em quadrinhos e ainda podiam brincar no parquinho que o editor construía no jardim da editora.

Se a EBAL era só festa para a garotada, seu fundador não se acomodou e continuava tomando medidas que amenizassem as críticas. Havia cinco anos que publicava no canto superior esquerdo da capa de suas revistas uma classificação por faixa etária que pretendia servir de guia de leitura para pais e professores. Agora, passava a reforçar essa orientação, listando no expediente de cada edição dos títulos do catálogo a editora, apresentando-os por faixa etária. Os que tinham classificação “para crianças” traziam exclusivamente histórias de fadas e bichos que falavam – com poucas legendas e muitas gravuras.

As revistinhas dirigidas ao público com “mais de 13 anos de idade”, explicou o diretor, pretendiam atingir uma faixa etária de leitores que viviam “dos sonhos de aventuras e heroísmo”, com histórias de mocinho e faroeste. A categoria “para moças e rapazes” reunia sete revistas com histórias românticas em quadrinhos. As classificadas como “para adultos” estavam liberadas para leitores acima de 21 anos. Havia ainda as revistas educativas e religiosas, sem restrições, “para todas as idades” (GONÇALO JR., 2004, p. 310 e 311).

A EBAL também participava de concursos realizados pelas escolas públicas, quando o assunto era literatura, redação e comunicação. Um dos autores desse artigo, Cesar Augusto Lotufo e André Luís Soares Smarra, quando era estudante do ensino fundamental, foi premiado em um desses concursos, através de sua redação sobre um reclame da TV que envolvia personagem chamado Apolônio e o “fusca”, automóvel memorável da Volkswagen. Em Cesar Augusto Lotufo e André Luís Soares Smarra (2012a) temos esse registro, quando o menino Cesar Augusto Lotufo recebeu das mãos do famoso Capitão Aza (Wilson Vasconcelos Vianna) – apresentador do programa infantil da extinta TV Tupi – gibis e livros em quadrinhos da EBAL como premiação.

8. O legado de Adolfo Aizen: A EBAL e a educação

O legado de Adolfo Aizen para a literatura em quadrinhos é inegável diante da diversidade temática que tomou conta das bancas de jornais e livrarias a partir de 1980 e que conquista a cada dia mais e mais leitores, sobretudo a partir de 2001, com títulos relacionados à história universal, história do Brasil, Filosofia e Cinema, além dos já consagrados clássicos literários nacionais e internacionais.

Cesar Augusto Lotufo e André Luís Soares Smarra (2012a) destacavam a herança da EBAL:

Em tempos revolucionários de mundialização da cultura a editora Escala Educativa presta um grande serviço à educação brasileira ao resgatar desde 2005 aquela tradição da EBAL, em relação as adaptações literárias para os quadrinhos. Aproveitando a inclusão das histórias em quadrinhos nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* – um complemento didático do ensino – essa editora aprimorou a estatística das quadrinizações da EBAL, além de apresentar novas adaptações de obras de Machado de Assis, como *A Cartomante*; de Lima Barreto, *O Homem que Sabia Javanês*; de Aluísio de Azevedo; *O Cortiço* de Manuel Antônio e *Memórias de um Sargento de Milícia*.

Outras editoras seguem nessa lista de novíssimas adaptações da literatura nacional, como a Ediouro/Agir responsável pela nova versão de *O Alienista*, de José de Alencar, de 2007.

Alguns títulos de obras em quadrinhos da EBAL voltadas para literatura, ciência e educação: álbum gigante

- Bibliografias em quadrinhos
- Ciências em quadrinhos
- Clássicos da década, os
- Clássicos HQ
- Clássicos ilustrados da literatura
- Clássicos ilustrados da literatura brasileira
- Edição maravilhosa.

9. Conclusão

Diante do exposto, podemos concluir que a história do jornalista e editor Adolfo Aizen pode ser confundida com a história de sua criação

maior, a Editora Brasil-América Ltda. (EBAL). Não haveria necessidade da existência de um Adolfo Aizen ou de uma EBAL, se não fossem as crianças, os adolescentes, pais e professores.

A EBAL (ou Adolfo Aizen) teve o mérito de transportar para o gênero história em quadrinhos grandes obras literárias e biográficas, algumas monumentais como a *Bíblia*.

É importante lembrar que a arte gráfica e a produção textual da época devem ser contextualizadas com aquela tecnologia, mas tratavam-se de belíssimas obras em quadrinhos. Não havia os famosos diálogos em balões – uma das características fundamentais das histórias em quadrinhos – o que existia era uma narrativa no formato nota de rodapé nos principais quadrinhos que exibiam as cenas. A revolução digital das artes gráficas teria que esperar algumas décadas.

O que importa mesmo é o caráter revolucionário da obra de Adolfo Aizen e seu legado editorial para a Educação Nacional.

Até 1995, foram cadastradas 10.023 capas de revistas da EBAL e hoje, cerca de 30% de seu acervo está digitalizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIZEN, Naumin. *Adolfo Aizen: um pioneiro dos quadrinhos no Brasil*. Catálogo da exposição, UERJ, Rio de Janeiro, 7 a 29 de novembro de 1991.

GONÇALO JUNIOR. *A guerra dos gibis*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

LOTUFO, Cesar Augusto; SMARRA, André Luís Soares. A eterna luta do bem contra o mal: os quadrinhos pela educação. In: GOMES, Nataniel dos Santos (Org.). *Quadrinhos e transdisciplinaridade*. Curitiba: Appris, 2012a, vol. 1, p. 109-133.

_____; _____. Assim fizeram os deuses, assim fizeram os seres humanos: uma mitologia dos heróis. In: GOMES, Nataniel dos Santos; RODRIGUES, Marlon Leal. (Orgs.). *Para o alto e avante: textos sobre histórias em quadrinhos para usar em sala de aula*. Curitiba: Appris, 2012b, vol. 1, p. 163-180.

_____; _____. Os super-heróis brasileiros que educam por meio dos

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

quadrinhos. In: GOMES, Nataniel dos Santos; ABRÃO, Daniel. (Orgs.). *Grandes poderes trazem grandes responsabilidades: refletindo sobre o uso das histórias em quadrinhos em sala de aula*. Curitiba: Appris, 2014, vol. 1, p. 157-176.